



Publicado em 24/04/2026 - 10:14

Hospital do futuro será cada vez mais especializado e menos demandado

Isso passa por pilares como fortalecimento da atenção primária, uso de dados para identificar riscos, acompanhamento contínuo e estímulo a hábitos saudáveis

Por Rogério Reis*

Um dos maiores paradoxos dos sistemas de saúde é também uma de suas maiores fragilidades: gastamos a maior parte dos recursos tratando doenças que, em muitos casos, poderiam ter sido evitadas. Essa lógica não é exclusiva do Brasil — ela se repete em praticamente todo o mundo. E, à medida que os custos crescem e a população envelhece, esse modelo se torna cada vez mais insustentável.

Os dados mais recentes deixam claro o tamanho do desafio. Nos Estados Unidos, o sistema de saúde já consome cerca de 17,5% do Produto Interno Bruto (PIB), o maior percentual do mundo, com tendência de crescimento contínuo. Ainda assim, os resultados em termos de qualidade e acesso não acompanham esse nível de investimento.

Na Europa, países como a Suíça destinam mais de 11% do PIB à saúde, com gastos per capita superiores a US\$ 8 mil anuais. E cerca de 72% desses custos estão associados a doenças crônicas não transmissíveis — como diabetes, doenças cardiovasculares e câncer —, muitas delas evitáveis ou controláveis com intervenções precoces.

No Brasil, os gastos com saúde já representam cerca de 9% do PIB com predominância do investimento privado — aproximadamente 5% — em comparação ao gasto público, de cerca de 4%.

Além disso, os gastos com cuidados de longa duração — ligados ao envelhecimento e à progressão de doenças crônicas — crescem de forma consistente. Nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), esse tipo de despesa deve aumentar cerca de 2,6% ao ano

até 2050.

Quando analisamos esses números, a conclusão é inevitável: estamos direcionando recursos crescentes para tratar estágios avançados de doenças, quando poderíamos estar investindo muito mais em prevenção.

Outro fator determinante é o envelhecimento da população. Esse fenômeno, global, tem impacto direto sobre a demanda por serviços de saúde. No Canadá, por exemplo, cerca de 17,5% da população já tem mais de 65 anos, e a maioria desses indivíduos convive com múltiplas doenças crônicas simultaneamente. Esse padrão se repete em diversos países desenvolvidos e começa a se intensificar também em mercados emergentes como o Brasil.

E, quanto mais envelhece a população, maior a prevalência de doenças crônicas e maior a pressão sobre hospitais, planos de saúde e sistemas públicos. Mas há um ponto importante: envelhecer não precisa ser sinônimo de adoecer. Com acompanhamento adequado, hábitos saudáveis e intervenções precoces, é possível reduzir significativamente a incidência e a gravidade dessas condições. E é exatamente aqui que está a maior oportunidade e, ao mesmo tempo, o maior desperdício do sistema atual.

Diante desse cenário, os hospitais precisam passar por uma transformação profunda. Historicamente, fomos estruturados para atuar na fase aguda da doença — quando o paciente já precisa de internação, cirurgia ou intervenção de alta complexidade —. Esse modelo foi essencial durante décadas, mas hoje ele não é suficiente.

Na prática, o hospital não pode mais ser apenas o lugar onde a doença é tratada. Ele precisa assumir um papel mais amplo na jornada de cuidado, atuando também na coordenação, no monitoramento e, principalmente, na prevenção.

Em sistemas mais maduros, já vemos esse movimento acontecer. Reino Unido e Canadá têm avançado em modelos de acompanhamento contínuo de pacientes crônicos, com uso de telemonitoramento e atenção primária estruturada. Esses programas conseguem reduzir internações, evitar complicações e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Ao mesmo tempo, cresce a migração de cuidados para fora do ambiente hospitalar. O avanço de modelos como “hospital at home” e o uso intensivo de tecnologia permitem tratar pacientes com segurança em casa, reduzindo custos e liberando leitos para casos realmente complexos.

Esse redesenho reforça uma ideia central: o hospital do futuro será cada vez mais especializado e menos demandado — justamente porque o sistema será mais eficiente em evitar que o paciente chegue até ele.

Para construir um sistema de saúde sustentável, precisamos inverter a lógica atual. Hoje, grande parte dos incentivos ainda está concentrada no volume de procedimentos. Mas a sustentabilidade virá da capacidade de evitar que esses procedimentos sejam necessários.

Isso passa por pilares como fortalecimento da atenção primária, uso de dados para identificar riscos, acompanhamento contínuo de pacientes e estímulo a hábitos mais saudáveis.

O maior desperdício do sistema de saúde não está no custo de um procedimento de alta complexidade. Ele está no fato de que, muitas vezes, esse procedimento poderia nunca ter sido necessário.

O futuro da saúde será definido não pela capacidade de tratar mais, mas pela capacidade de evitar condições graves. Porque, no fim do dia, o sistema mais eficiente não é aquele que realiza mais procedimentos: é aquele que consegue fazer com que eles não sejam necessários.

*Rogério Reis é médico e vice-presidente da Rede Américas

<https://veja.abril.com.br/coluna/letra-de-medico/hospital-do-futuro-sera-cada-vez-mais-especializado-e-menos-demandado/>

Veículo: Online -> Site -> Site Veja